

Monumento à Guerra Peninsular

Está situado em Entrecampos, em Lisboa.

Construído para lembrança das lutas heróicas e do sacrifício da Nação durante as três invasões Francesas.

Trabalho do Escultor José de Oliveira Ferreira e do Arquitecto Francisco de Oliveira Ferreira.

A primeira pedra foi lançada em 1908 e o monumento foi inaugurado em 8 de Janeiro de 1933, pelo Chefe do Estado, General Óscar Fragoso Carmona, por ocasião dos festejos do 1º Centenário. Estiveram presentes o Presidente do Conselho, Dr. Oliveira Salazar, o Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, General Daniel de Sousa e o Embaixador de Inglaterra, neto do Lorde Russel, que participou na parte final da guerra.

É um monumento majestoso, encimado por um conjunto escultório em bronze onde se destaca o arrebatamento da bandeira nacional das garras da águia de Napoleão, que foge esvoaçando. Sobressai ainda a figura da «Pátria» empunhando a gloriosa espada do fundador da nacionalidade, D. Afonso Henriques, a receber a bandeira que lhe é confiada.

Na parte, em pedra, do monumento ainda se destaca:

No alçado principal, um grupo representando o «Povo Português» ansioso pela libertação e expulsão do opressor, defende as «Relíquias da Pátria». Na parte inferior está inscrito, «Ao povo e aos heróis da guerra peninsular 1808 – 1814» e «Levantamento popular pela independência – 1808».

O alçado nascente acrescenta um grupo de elementos representando o Exército Nacional em atitude de audácia combativa contra o invasor estrangeiro. Um pórtico, em estilo Manuelino, incorpora o túmulo do Condestável, Nuno Álvares Pereira, com os seguintes excertos retirados dos Lusíadas:

Armas não deixarão, enquanto a vida

Os não deixar ou nelas for perdida

Como? da gente ilustre portuguesa

Há-de haver quem recuse o pátrio Marte?

Quem negue a fé, o amor, o esforço e a arte

De português, e por nenhum respeito

O próprio reino queria ver sujeito

O alçado poente apresenta um grupo de pessoas junto a um pórtico destruído. As pessoas representam o povo vítima das atrocidades do invasor. No mesmo conjunto sobressai uma rapariga ajoelhada a clamar o perdão e compaixão do seu pai, pelo ultraje e desonra a que foi submetida. Este conjunto completa-se com uma transcrição retirada também dos Lusíadas:

Podem-se por em longo esquecimento

As cruzeiras mortais que Roma viu

No alçado norte sobressai um leão pujante, símbolo da vitalidade e da força, mostrando as garras, numa alusão à ousadia e destemor do povo português, perante o invasor.

Num pórtico, sobressai o túmulo de Luís de Camões, o grande vate que exortou os feitos heróicos dos portugueses, rematado com os seguintes versos do seu poema épico:

Vereis amor da Pátria, não movido

De prémio vil, mas alto e quasi eterno

Na parte inferior dessa mesma alçada, uma evocação:

RESTABELECIMENTO DO GOVERNO NACIONAL - 15 DE SETEMBRO de 1808

Na parte superior foram incluídos os Brasões das localidades que mais se distinguiram na Guerra Peninsular e nos cunhais que os complementam foram acrescentados os seguintes elementos escultóricos:

Dragão com o Brasão de Portugal, à época do rei Venturoso, D. Manuel e no outro uma coluna coroada com a esfera armilar e Cruz de Cristo.